

Occupy Wall Street, um movimento social inédito nos Estados Unidos¹

Occupy Wall Street (OWS) não surgiu num lugar qualquer, nem em um momento qualquer da história estadunidense, embora seu impacto tenha alcançado rapidamente uma dimensão mundial. Os Estados Unidos foram o epicentro da crise dos *subprimes* desencadeada em 2007 e ligada mais profundamente à asfixia de um modelo de crescimento no qual o consumo é puxado pelo endividamento. Essa crise se espalhou quase de imediato para o conjunto do planeta, num universo financeiro totalmente liberalizado e desregulado. Por essa razão, o OWS certamente não teria nascido sem as revoltas da primavera árabe (em particular as que irromperam no Egito), que deram o tom da contestação em 2011, nem sem o recrudescimento da mobilização ocorrida no estado de Wisconsin na última primavera, depois que o governador republicano decidiu questionar os direitos sindicais dos empregados do setor público e reduzir drasticamente seus salários e vantagens sociais etc. Dezenas de milhares de cidadãos do estado, jovens e menos jovens, manifestaram-se diante do edifício do Congresso em Madison, sua capital, por iniciativa dos sindicatos e de vários grupos progressistas². Certamente isso nunca teria acontecido sem todos os movimentos de resistência e de rebelião que há mais de um século marcaram a história social dos Estados Unidos, país de imigração, como se sabe, e cujos grandes centros urbanos serviram de caixa de ressonância.

O OWS se espalhou como rastilho de pólvora por mais de mil cidades (maiores e menores) do país, e em seguida por várias capitais ou grandes cidades do mundo inteiro: Nova York, Boston, Montreal, Lisboa, Atenas, Tel Aviv, Zurique, Londres etc. Galvanizou os movimentos dos indignados na Europa, então um tanto ofegantes, até relegá-los, às vezes, a segundo plano, criando imitadores na Ásia e na África. O movimento está no terceiro mês de existência, mesmo com as ocupações desbaratadas pela polícia em meados de novembro de 2011, por quase toda parte, em resposta à pressão crescente dos políticos e do mundo dos negócios. Graças à sua duração, graças à sua forma

1. A redação deste artigo foi finalizada em 20 de novembro de 2011.

2. Cf. SAUVIAT, C. “Le Wisconsin, à l'avant-garde d'une offensive antisynicale d'envergure”. *Chronique Internationale de l'Ires*, n° 129, março de 2011. Depois da adoção desta lei, um grupo de 50 a 150 pessoas continuou se manifestando, cantando todos os dias diante do edifício do Capitólio (“Solidarity Singalong”), e um pequeno número de ativistas voltava para a frente do Capitólio sempre que havia ali um debate parlamentar, a despeito da hostilidade dos membros do Partido Democrata por tais ações.

(ocupações de lugares públicos, desobediência cívica) e a seus alvos (grandes empresas do ramo financeiro ou industrial), o movimento se reveste, desde então, de um caráter excepcional nos Estados Unidos, como ressaltou recentemente C. Geisst, professor universitário que escreveu uma história de Wall Street³. O OWS fixou domicílio a partir de 17 de setembro de 2011 no parque Zuccotti, rebatizado por seus ocupantes de “Freedom Plaza” em homenagem à mobilização dos egípcios na praça Tahir, no Cairo, cujo nome significa “liberdade”. Essa mobilização teve ampla divulgação na mídia americana devido às relações estratégicas que os Estados Unidos mantêm com o Egito. O Zuccotti é do⁴ da parte baixa de Manhattan, onde o acampamento se instalou e onde se constituiu um microcosmo da sociedade alternativa⁵. Apesar do mutismo da imprensa ao deparar com o movimento⁶, ele logo fez escola em várias centenas de cidades do país, cada ocupação tendo suas próprias características, táticas e modos de organização. Por todo lado o movimento se beneficiou, nos dois primeiros meses, do apoio da população, apesar da repressão policial especialmente forte que se abateu em alguns lugares, e das milhares de prisões decretadas em Nova York, Oakland, Chicago, Denver, Seattle e Atlanta.

O movimento é em primeiro lugar, de maneira muito clara, uma revolta da juventude, à semelhança do movimento dos indignados que começou na Tunísia, depois se espalhou pelo Egito e em seguida pela Europa e Ásia. Nos Estados Unidos, essa revolta é alimentada principalmente por jovens da classe média que se endividaram para fazer seus estudos com a esperança de encontrar um trabalho que lhes assegurasse um futuro decente e estável. Atualmente, eles não encontram emprego, e, se encontram, é muito aquém de suas qualificações⁷.

Mas, além dessa dimensão econômica, o OWS possui uma dimensão propriamente política. Pelo conteúdo, é uma revolta contra o *establishment*, contra as oligarquias política, econômica e financeira; pela forma, é um movimento igualitário, sem liderança declarada nem figura tutelar, fazendo uso intensivo dos meios de comunicação *high tech* para se organizar, resistir às forças policiais etc.; portanto, o movimento não é, antes de tudo, a expressão de um ardente desejo de democracia?

Um movimento heterogêneo, impulsionado pela juventude

É difícil fazer um julgamento do conjunto da identidade dos ocupantes e da composição geracional e social dos movimentos que se enraizaram por todos os Estados Unidos, tão diversas parecem ser as situações locais. É possível, entretanto, apesar de sua diversidade e dessa singularidade local, tirar algumas lições dele. O *Wall Street Journal*, que entrevistou por amostragem, em fins de

3. Citado por *The Wall Street Journal*, 20 de outubro de 2011.

4. O parque é propriedade da Brookfield Office Properties, que até meados de novembro se absteve de pedir a desocupação pela força policial.

5. O que pôde ser constatado por diversos observadores em diferentes ocupações, principalmente aquela do OWS, foi a existência de uma divisão de trabalho organizada, com estruturas especializadas por função: comitês garantindo a segurança das ocupações, uma estrutura responsabilizando-se pelas questões de direito, aparato de saúde com médicos e enfermeiros, cantina para preparar as refeições, um centro de espetáculos, espaço para meditação, serviço de imprensa e comunicação, serviço de limpeza e de reciclagem do lixo, biblioteca com 5 mil obras oferecidas pelos simpatizantes do movimento. Cf. COLLINS, Sheila D. “The Stones Cry Out: the Power of the Occupation in the City Square”, 7 de novembro de 2011, <http://newpol.org/>.

6. Foi necessário esperar o começo de outubro para que a grande imprensa diária americana descobrisse os acontecimentos, ou seja, mais de 15 dias depois do início da ocupação oficial, e em termos pouco amenos na maioria das vezes.

7. Cf. *Chronique Internationale de l'Ires*, nº 133, no prelo.

outubro de 2011, os participantes do movimento em várias grandes cidades do país, oferece um resumo da composição das diferentes ocupações. Quase três quartos dos ocupantes, ou participantes dos movimentos, seriam graduandos ou mestrandos, ou em vias de ser, e somente um terço deles estaria desempregado. Cerca de um quarto se diz democrata, a maioria não se refere a nenhum partido político preciso, ou se declara independente. A idade média é 26 anos⁸. O mesmo jornal fez uma nova pesquisa no começo de novembro, desta vez para identificar as pessoas que apoiavam o movimento, mostrando que o apoio mais forte vinha de indivíduos que tinham entre 50 e 64 anos, com renda anual entre 50 mil e 70 mil dólares, morando de preferência no Oeste dos Estados Unidos⁹.

Se acreditamos nessas diferentes pesquisas, é claro que se trata de um movimento em que os jovens estão maciçamente presentes, em especial os jovens preparados. É verdade que a juventude é duramente atingida pela crise. Todavia, a novidade não é tanto a explosão da taxa de desemprego dos jovens – mais fraca, na verdade, que a dos adultos, e bastante comum no momento de uma recessão em que são eles os primeiros a ser despedidos (*last in, first out*). O que hoje é inédito é o caráter agudo e durável do desemprego atingindo os jovens, inclusive aqueles que fizeram curso universitário, e além disso seu nível de endividamento, muito elevado¹⁰. Esse fenômeno se deve sobretudo ao aumento das anuidades universitárias nestes últimos anos, que podem chegar a 45 mil dólares em determinadas universidades da Ivy League. Isso vale em especial para as universidades públicas, em que esses valores não pararam de aumentar nos últimos anos, uma medida dos estados em resposta às dificuldades orçamentárias. Esse fato provocou um brusco aumento da inadimplência entre os estudantes que haviam feito empréstimo (11,2% em meados de 2011 contra 6,5% em 2003)¹¹.

Enquanto os jovens continuam esperando o “retorno do investimento” nos estudos, estes são cada vez mais necessários, mas cada vez menos suficientes, contrariamente ao que ocorreu com gerações anteriores¹². Os que têm emprego e formação universitária de primeiro e segundo ciclos quase não tiveram aumento salarial desde 2000. Cada vez menos eles têm acesso a empregos de qualidade – isto é, com as vantagens sociais a eles associadas, tais como plano de saúde e a possibilidade de se beneficiar de um abono do empregador para uma “poupança-aposentadoria”.

Aliás, segundo a última pesquisa do serviço de recenseamento, a porcentagem dos rapazes de 25 a 34 anos vivendo com os pais passou de 14,2% em 2007 para 18,6% em 2011, o maior índice desde os anos 1960. Outros têm cada vez menos acesso à educação superior, pois o valor das bolsas dadas pelo Estado já não é suficiente para compensar os aumentos das anuidades¹³. Ora, a obtenção de um diploma universitário continua sendo o melhor motor de mobilidade social nos Estados Unidos.

8. Cf. BEIKIN, D. (Chicago); AUDI, T. (Los Angeles); YADRON, D. (Washington). “Protest Present Dilemma for Democrats”. *The Wall Street Journal*, 23 de outubro de 2011.

9. Cf. SEIB, G. F. “Populist Movements Rooted in Same Soil”. *The Wall Street Journal*, 15 de novembro de 2011.

10. O nível médio de endividamento deles alcançou 25 mil dólares em 2010; o nível de endividamento total foi quase multiplicado por sete, entre 1999 e meados de 2011, passando de 80 bilhões a 550 bilhões de dólares. Alguns estudantes, principalmente os de direito e de medicina, estão superendividados. Ora, as obrigações endossadas no mercado da dívida estudantil, estimado em 242 bilhões de dólares, não são garantia para o governo americano. Considerando os riscos corridos, este mercado está atualmente congelado.

11. Cf. KENNARD, M.; BOND, S. “US student debt impact likened to subprime”. *The Financial Times*, 16 de outubro de 2011.

12. A taxa de desemprego dos titulares de um diploma universitário era de 4,9% em outubro de 2011, mas pouco mais que o dobro (10,5%) para aqueles que saíram do curso secundário sem diploma, segundo o Bureau of Labor Statistics.

13. Em 1975, um Pell Grant cobria 80% dos custos de anuidade e alojamento numa universidade pública e 40% numa universidade particular; no fim dos anos 1990, esses benefícios eram apenas de 40% e 15% respectivamente. Cf. HACKER, J.; METTIER, S.; PINDERHUGUES, D.; SKOCPOL, T. “Inequality and Public Policy”, 2009, <http://www.apsanet.org/imgtest/feedback-memo.pdf>.

Essa situação de desemprego ou de subemprego maciço com a qual os jovens, inclusive os mais preparados, são confrontados é realmente nova nesse país, que conhece pela quarta vez uma nova retomada da economia, sem emprego¹⁴. Nesse contexto moroso, eles temem se ver desempregados ou desqualificados. Jogaram o jogo do sistema e agora pagam pelos danos causados por outros, aqueles que, ao contrário, fizeram pouco-caso do sistema e provocaram a mais grave crise econômica mundial desde 1929. Eles são talvez as primeiras vítimas do sonho americano.

Tratando-se, em primeiro lugar, de um movimento de jovens, e de jovens urbanos, é admirável que tenha atraído, sobretudo nas grandes cidades, indivíduos de todas as idades e condições sociais ou quase (desempregados, assalariados, pobres ou de classe média, sem teto etc.)¹⁵. Embora o movimento não tenha um caráter maciço, tendo em vista o número relativamente reduzido dos ocupantes, por causa da dispersão das ocupações e da ausência de uma doutrina unificada para guiar as diferentes ocupações, o movimento tem uma filiação inegável com a “revolução dos direitos” dos anos 1960, embora o contexto econômico seja muito diferente, com crescimento lento, desindustrialização, descentralização, crise ambiental etc. Quem protestava, na época, pertencia à classe média, era em sua maioria gente preparada, e se revoltava contra o governo, que os enviava ao Vietnã para fazer uma guerra considerada pela maioria ilegítima, ou contra o poder masculino. O atual movimento difere do outro, que tinha vínculos bem estabelecidos com os movimentos estudantis, negros e brancos, sem falar das várias iniciativas inter-raciais que haviam se criado. Hoje, os jovens negros estão certamente menos presentes no centro do OWS, exceto em cidades como Oakland, onde a comunidade negra tem uma longa tradição de militância e onde a contestação é mais radical, como demonstram o apelo à greve geral, lançado no começo de novembro, e o fechamento momentâneo do porto, símbolo do capitalismo mercantil e da “livre circulação dos contêineres”. Isso é ainda mais verdadeiro para os jovens negros (assim como para os jovens hispânicos) desfavorecidos, aqueles que não estão nem empregados nem na escola – população cuja taxa de encarceramento é muito elevada. Estes formam o grande batalhão da Disconnected Youth e são pouco visíveis no movimento. A questão racial não é central como era naquela época. Entretanto, se o movimento dos anos 1960 permitiu aos negros beneficiarem-se do elevador social, o crescimento das desigualdades no fim dos anos 1970 novamente aprofundou as disparidades entre brancos e negros. Isso é bem visível quanto às taxas de desemprego dos jovens em especial, ou mais ainda quanto aos indicadores da pobreza¹⁶. Mas o ressurgimento das desigualdades econômicas – em termos de renda, e também de acesso ao ensino superior e a planos de saúde etc. – está vinculado ao enfraquecimento das políticas públicas e dos grandes programas sociais e ao declínio do sindicalismo, que,

14. Cf. SAUVIAT, C. ; SOMMEILLER, E. “États-Unis: choc de la recession et reprise sans emploi pour les jeunes”. *Chronique Internationale de l'Pres*, nº 133, no prelo.

15. Em Nova York o número dos sem-teto não parou de crescer, ultrapassando 40 mil (dos quais aproximadamente 17 mil são crianças). Cf. SAUL, M. H. “City's Homeless Count Tops 40.000”. *The Wall Street Journal*, 9 de novembro de 2011.

16. Segundo os dados do BLS, a taxa de desemprego dos jovens de dezesseis a 24 anos no segundo trimestre de 2011 representava mais que o dobro daquela dos de 25 a 54 anos (17,4% contra 8,1%). A taxa de desemprego dos rapazes negros na faixa dos 20 a 24 anos era, no mesmo período, o dobro daquela dos rapazes brancos (29% contra 14%) Ela pode chegar a 75% em algumas cidades, como Chicago. O índice oficial de pobreza dos brancos não hispânicos era de 9,9% em 2010, enquanto o dos negros alcançava 27,4%, e o dos de origem hispânica, 26,6%. Cf. US Census Bureau. *Income, Poverty and health Insurance Status in the United States: 2010*, setembro de 2011.

sem dúvida, contribuíram para minar a capacidade dos negros de se envolver com a política e de explorar seus direitos cívicos conquistados a duras penas¹⁷.

Assim, o OWS tem bem mais características de um movimento pós-político do que de um movimento pós-racial, como ressaltou recentemente a americana Sylvie Laurent¹⁸. Mais próximo de nós, o OWS também tem, com certeza, semelhanças com os protestos antiglobalização presentes desde o final dos anos 1990 nas reuniões do G20.

Mas ele também é mais heterogêneo do que se pensa, o que não surpreende, já que supostamente deve representar 99% da sociedade americana. O movimento integra não apenas jovens e adultos, mas também pessoas com trajetórias políticas, econômicas e sociais bem distintas. Entre os participantes do movimento OWS encontramos anticapitalistas, gente que acredita no capitalismo regulado (um bom capitalismo), representantes da esquerda americana, membros do Tea Party (embora poucos tenham aderido ao movimento), funcionários públicos, sem-teto, desempregados, jovens ex-combatentes das guerras do Afeganistão e do Iraque, surpreendidos também pelo desemprego¹⁹, jovens brancos, negros e latinos, assim como militantes de associações de caridade dedicados ao trabalho social local etc. Em Nova York, o movimento parece mais impulsionado por jovens brancos das classes médias do que pelos jovens desfavorecidos, negros ou latinos. Em compensação, esse não é o caso em Oakland, onde o movimento de protesto é, ao que parece, composto mais de negros e latinos e onde as ligações com o movimento sindical se revelaram mais estreitas, provavelmente por causa de uma concentração da população operária, ligada às atividades portuárias da cidade e a uma tradição de luta.

17. Cf. HACKER, J. *et alii* (2009), *op. cit.*

18. Convidada do *Matins de France Culture*, 7 de novembro de 2011.

19. Dos veteranos de 18 a 24 anos, 30% estão desempregados atualmente. Cf. *Business Week*, 10 de novembro de 2011.

Um movimento contra o capitalismo financeirizado

O OWS começou de maneira ostensiva em Nova York, símbolo do poder financeiro de Wall Street. No dia 17 de setembro de 2011, 2 mil pessoas (estudantes ativistas, responsáveis por associações que trabalhavam em bairros pobres da cidade, e que havia dois meses protestavam contra os cortes orçamentários e as demissões) decidem instalar um acampamento no centro do distrito financeiro da capital do estado de Nova York, ali onde é a sede dos grandes estabelecimentos financeiros do país, para expressar sua cólera contra os bancos de Wall Street, contra a ganância das empresas e contra os cortes orçamentários feitos pelo governo.

Os Estados Unidos, que levaram longe demais o desenvolvimento do capitalismo financeiro, ofereceram um alvo perfeito para o movimento. Talvez venha daí a sua força e seja isso que o distingue dos outros movimentos dos indignados que eclodiram nas grandes capitais, com exceção dos manifestantes

ingleses ao ocuparem a Catedral de St. Paul, em Londres, numa reação contra a City e à aquilo que o mundo financeiro produziu.

Trata-se, na verdade, de uma revolta contra o capitalismo financeiro e seus símbolos mais fortes, os grandes bancos de Wall Street e as grandes empresas americanas. É uma revolta contra o poder concentrado dos bancos e das finanças. Esse poder capturou literalmente o Estado e os reguladores²⁰. Os dirigentes do setor financeiro se infiltraram por todo o aparelho estatal, pondo-se assim em condições de moldar as decisões em benefício próprio. Essa captura não precisa passar pela corrupção do regulador, como ressaltaram Johnson & Kwak²¹. Basta que o regulador tenha interiorizado as preferências da profissão financeira e as dos dirigentes de empresas, que ele, todavia, supostamente controla. Foi precisamente pelo movimento de vaivém entre o Executivo, o mundo das finanças e o mundo dos negócios – acelerado nas décadas de 1990 e 2000, durante os governos Clinton e Bush – que essa interiorização se fez. Isso é ainda mais eficaz quando o mundo acadêmico participa do processo e é conivente com o mundo das finanças por interesse pecuniário e/ou ideológico, como mostrou o excelente filme *Trabalho interno*, de um ex-*insider*²². O poder financeiro se reforçou na crise. Os bancos maiores absorveram os mais fracos e os mais frágeis, e continuam a fazer um *lobby* muito agressivo para esvaziar o conteúdo da lei de regulamentação financeira votada em 2010 (Dodd Frank Act). Os jovens recém-formados, titulares de um MBA, não se enganam nisso, pois todos preferem entrar nos estabelecimentos financeiros (bancos, *hedge funds*, gestão de fundos, fundos de *privates equity* ou *venture capital*) a entrar em outros setores, tendo em vista as gratificações simbólicas e materiais que essas posições proporcionam.

Portanto, é também uma revolta contra a empresa financeirizada, contra os lucros desproporcionais que se outorgam seus dirigentes graças à manipulação das cotações da bolsa, tais como bônus, *stock options*, recompra de ações. Os lucros não têm relação com o desempenho das empresas; ao mesmo tempo, outros se “aproveitaram” amplamente da crise para demitir em massa, e hoje não estão dispostos a empregar nem a investir, exceto na China ou na Índia²³.

O OWS e o sindicato dos trabalhadores da comunicação (CWA) se manifestaram diante da sede de Verizon, em Nova York, para questionar o poder das empresas. A ação dirigida contra a empresa de comunicação é simbólica, mas acontece no momento oportuno: já em agosto, quando 45 mil empregados da companhia entraram em greve por duas semanas, opondo-se às concessões solicitadas pela direção quando renovaria o contrato coletivo (congelamento das pensões, ajuste salarial ligado ao desempenho dos empregados, facilidades para demitir os sindicalizados, aumento da contribuição salarial para o prêmio de seguro-saúde). Como não conseguiram fazer que a direção cedesse, eles se preparam hoje para outra greve. O OWS retornou aos piquetes de greve

20. O atual secretário de Estado do Tesouro, T. Geithner, é oriundo do Federal Reserve Bank de Nova York. O antigo secretário de Estado do Tesouro no governo Bush, P. Paulson, vinha diretamente do banco Goldman Sachs. Mas foi Bill Clinton que inaugurou esse movimento, nomeando P. Rubin para esse cargo em seu primeiro mandato, no começo dos anos 1990. Cf. JOHNSON, S.; KWAK, J. *13 Bankers, The Wall Street Take Over and the Next Financial Meltdown*. Nova York: Pantheon, 2010.

21. *Op. cit.*; cf. nota anterior.

22. É notável que a esse respeito algumas dezenas de estudantes de Harvard inscritos no curso de introdução à economia do professor Mankiw, ex-presidente do grupo dos conselheiros econômicos do ex-presidente dos Estados Unidos G. W. Bush e atual conselheiro de Mitt Romney, candidato às primárias republicanas, tenham protestado em carta aberta contra a parcialidade do curso. Cf. “Occupy Protests’ ripples reach Harvard”. *FT*, 4 de novembro de 2011.

23. Cf. LAZONICK, W. “Occupy Wall Street’s Outrage at Greed Can Expand to Corporate Stock Manipulation”, <http://www.newdeal20.org>.

em frente às portas da firma. Essa iniciativa traduz um aumento de vitalidade, inclusive dos sindicatos, num contexto apesar de tudo muito depressivo por causa da diminuição de adeptos do movimento, do recuo das greves, do questionamento das conquistas salariais etc. Deve-se lembrar que, para o sindicalismo americano, Verizon representa a única greve vitoriosa dessa década. Na renovação da convenção coletiva da empresa em 2000, e após 19 dias de greve, os sindicatos obtiveram ganho de causa sobre a maior parte dos pontos litigiosos do acordo²⁴.

O OWS é também uma revolta contra as desigualdades, as quais resultam do capitalismo financeirizado, tendo aumentado de maneira explosiva nas últimas décadas. O *slogan* principal do movimento é: “Nós somos os 99%”. Isso não pode soar mais justo, pois o 1% mais rico dos Estados Unidos viu sua parte na renda nacional mais que duplicar nas três últimas décadas, passando, segundo o Congressional Budget Office (CBO), de 8% a 17% entre 1979 e 2007²⁵. A composição desse 1% é em si reveladora: cerca de 60% dessa camada de ultrarricos são dirigentes de empresas financeiras e não financeiras, cujas remunerações mais que quadruplicaram a partir dos anos 1970, em dólares constantes (fora inflação). O setor das finanças desempenhou de maneira clara o papel de motor na explosão das desigualdades. Seus dirigentes tornaram-se nos anos 2000 os mais bem pagos do conjunto de todos, com remunerações excepcionais, anormalmente protegidos, no sentido da baixa, pelo jogo das *stock-options*. Mas essas desigualdades também são consequência da mudança completa da política fiscal, orquestrada a partir dos anos 1980 pelos sucessivos governos em benefício dos mais ricos, e alimentada pela deslegitimação do imposto, e até mesmo por revoltas fiscais²⁶.

Em certas cidades que, entretanto, são exceções, é surpreendente que a polícia tenha se recusado a prender os manifestantes. Se é assim, é porque alguns policiais também se sentem integrantes desses 99%, mesmo que esteja longe de ser o caso para todos²⁷. Mas acaso não são os funcionários dos estados e dos organismos locais (policiais, bombeiros, professores) os primeiros a quem os estados impõem há um ano sacrifícios relativos ao congelamento ou à redução do salário, ao aumento da jornada trabalhista, quando não são simplesmente as demissões, a pretexto da deterioração da situação orçamentária deles?²⁸

A concentração da renda tornou-se uma ameaça para a democracia e para a manutenção de uma sociedade de classes médias, que os Estados Unidos podiam se vangloriar de ter criado nos “Trinta Gloriosos” (1945-75). Alguns empresários muito ricos, como George Soros ou Warren Buffet, lembraram o que a fortuna devia comportar de obrigações de reciprocidade cívica com a grande maioria, enquanto muitos novos-ricos oriundos do neoliberalismo, geralmente fortunas acumuladas em atividades “novas,” como a imobiliária, tenderam a esquecer que *noblesse oblige*. No entanto, era esta a doutrina que

24. Cf. SAUVIAT, C. “Tension dans la nouvelle économie: la grève chez Verizon, un conflit exemplaire?” *Chronique Internationale de l’Ires*, nº 67, novembro de 2000.

25. *Trends in the Distribution of Household Income*. Washington: CBO, 2011.

26. Cf. SAUVIAT, C.; LIZÉ, L. *La crise du modèle social américain*. Rennes: PUR, 2010.

27. O salário anual médio de um oficial de polícia é 55.620 dólares, colocando-o no 59º centil dos rendimentos. Cf. COVERT, Brice. “Police are the 99% Will they ever Join the protests”, <http://newdeal20.org>.

28. Cf. SAUVIAT, C. (2010) *Op. cit.*

prevalencia no século XIX nos Estados Unidos, na época dos “barões ladrões”, esses grandes capitães da indústria ou das finanças que também sabiam ser mecenas. A ética da responsabilidade cívica quase desapareceu.

Há hoje a sensação crescente no cerne da sociedade americana de que a explosão das desigualdades e a captação das riquezas por alguns se tornaram ilegítimas. A máquina de fabricar desigualdades não reflete mais os méritos individuais de cada um, não tem mais nada a ver com a igualdade de oportunidades, tão cara aos pais fundadores da república americana, ou com o mito do empreendedor schumpeteriano, inovador, recompensado pelo talento e pelos riscos assumidos, personificado de maneira ideal por Steve Jobs, o patrão da Apple, cuja morte, é surpreendente, só tenha provocado louvores e nem uma sombra de crítica na França. Essa explosão de desigualdades é, ao contrário, produto de comportamentos fora das normas, oportunistas, até mesmo corruptos ou criminosos, que levaram os dirigentes de grandes bancos e grandes empresas desse país a fraudar e/ou zombar da ingenuidade da maioria, principalmente dos pobres coitados a quem acenaram com a esperança de tornarem-se um dia proprietários. A tolerância da sociedade americana quanto às desigualdades é certamente bem maior que em qualquer outro lugar. Mas é significativo que hoje tenha alcançado certos limites. Tanto mais que os “criminosos do colarinho branco” puderam agir com toda impunidade, protegidos pelas leis e pela cumplicidade das elites políticas, e os bancos e empresas que dirigem também foram salvos da falência e alguns até resgatados pelo Estado²⁹.

Um movimento de contestação das elites

Mas o movimento é mais que isso. Ele encerra uma dimensão propriamente política. Essa é uma revolta contra o fosso que se aprofundou entre as elites políticas, econômicas, empresariais e as pessoas comuns, aquelas tendo se tornado incapazes de compreender estas³⁰. Desse ponto de vista, a comparação com o Tea Party não deixou de ser feita por alguns jornais, vendo aí uma escalada do populismo nos dois extremos. Ora, se esses dois movimentos compartilham uma visão crítica das elites políticas e do *status quo* que elas produzem, as similitudes param por aí. O Tea Party – que se origina na oposição à salvação dos bancos e do sistema financeiro decidida no outono de 2008 (Tarp) e cuja ala mais à direita deseja o desmantelamento do que resta do Estado-providência americano – é violentamente antiestatal, o que o OWS não é, já que, ao contrário, pede mais regulamentação dos bancos e das empresas e mais justa redistribuição das riquezas.

O movimento é uma revolta contra o confisco do poder pelas elites, e exprime uma demanda de engajamento dos cidadãos na política, no sentido

29. A maioria dos americanos deseja, aliás, que os comportamentos de alguns dirigentes sejam levados perante os tribunais; cf. <http://www.alternet.org/story/152845/>.

30. Cf. LASCH, C. *La révolte des élites*. Paris: Climats, 1996.

nobre do termo (de exercer a cidadania), para defender as questões que lhes dizem respeito e que os preocupam, diante da incapacidade de seus representantes de fazê-lo, quer se trate daqueles do Partido Democrata, quer do presidente Obama, em quem tanta esperança fora depositada durante a campanha eleitoral de 2008.

Em nenhum outro lugar como nos Estados Unidos esse confisco foi tão longe, o dinheiro e a política nunca foram tão estreitamente ligados. Convém lembrar que os bancos de Wall Street figuravam entre os principais doadores, tendo financiado a campanha presidencial do candidato Obama. Uma decisão da Suprema Corte americana, proferida no dia 21 de janeiro de 2010 (*Citizens United vs. Federal Elections Commission*), mais uma vez reforçou o caráter plutocrata do regime político americano, eliminando as barreiras instauradas em 1974 que limitavam o financiamento das campanhas presidenciais ou legislativas pelo Big Business e os sindicatos.

Além disso, o sistema político americano encontra-se hoje em estado crítico. Desde as eleições do meio do mandato, não só o presidente Obama não consegue mais que votem seus projetos de lei, e em particular seu novo programa para o emprego, mas até mesmo uma instância como o supercomitê do Congresso – instalado para propor a redução da dívida e cuja composição é bipartidária – é incapaz de conseguir um acordo.

Barack Obama, embora paralisado politicamente, se deu conta daquilo que o movimento OWS poderia trazer e de como explorar essa imensa frustração. Se manifestou alguma empatia pelo movimento, não o defendeu nem fez suas as palavras de ordem, advertindo os manifestantes para não vilipendiarem todas as empresas de Wall Street, não “demonizarem” seus empregados e não comprometerem o funcionamento da economia. Entretanto, deve ter resolvido fazer um gesto *a minima*, aliviando o fardo da dívida dos estudantes. Essa questão do endividamento dos estudantes é uma das preocupações-chave do movimento, e a anulação dessas dívidas, um *slogan* importante. A dívida alcançou mais de um trilhão de dólares em 2011, tendo ultrapassado, segundo o Federal Reserve, o montante da dívida dos americanos com cartões de crédito³¹. Obama fez isso também em resposta a uma petição assinada por mais de 30 mil pessoas no site da Casa Branca pedindo a anulação da dívida³².

O movimento OWS se mostra também receoso com relação a tudo o que poderia parecer uma forma de recuperação por parte das organizações sindicais. Mas isso não impediu o presidente da AFL-CIO, Richard Trumka, de ir a Nova York logo no começo do movimento para expressar a solidariedade da central, cujos laços com o Partido Democrata são estreitos. As grandes federações industriais, como os sindicatos dos trabalhadores no setor de serviços, dos funcionários dos estados e dos organismos locais, ou as federações profissionais, como os sindicatos dos caminhoneiros, dos professores, dos

31. O montante da dívida estudantil alcançou 830 bilhões de dólares em junho de 2010, dos quais 665 bilhões são de empréstimos federais e 168 bilhões de empréstimos bancários, enquanto o conjunto dos créditos rotativos, dos quais 98% são referentes ao uso de cartões de crédito, alcançaram na mesma data 826,5 bilhões de dólares. Cf. “Consumer Credit Outstanding”, Federal Reserve Bank.

32. Trata-se de uma divulgação do *open data*, processo que visa a instaurar mais democracia e possibilita aos americanos tratar das questões que os preocupam com a ajuda de petições assinadas via internet (“we the people”). É a primeira experiência do gênero, já que o site foi criado em setembro de 2011. Desde que a questão levantada conte mais de 25 mil assinaturas, a Casa Branca deve formular uma resposta.

enfermeiros, assim como seções locais e instâncias regionais (Central Labor Council), fizeram o mesmo³³. Portanto, o parque Zuccotti, em Nova York, onde o OWS fixou “domicílio”, não pôde ser desocupado por dois meses pelas forças policiais do município, sob pretexto de limpeza, graças ao apoio de inúmeras seções locais dos sindicatos, que foram ajudar os ocupantes. Houve ações recíprocas de apoio e solidariedade³⁴. A AFL-CIO presta cada vez mais atenção ao OWS, principalmente depois que os jovens da central se reuniram em Minneapolis, no começo de outubro de 2011, pela segunda vez como grupo constituído. De seu lado, os sindicatos se deram conta de que o OWS tinha conseguido denunciar os principais males do capitalismo americano de maneira bem mais eficaz que eles. Aliás, retomaram o *slogan* dos 99% por conta própria (as desigualdades etc.). Perceberam que os meios utilizados pelo movimento, em especial as redes sociais, para divulgar as mensagens em larga escala, e as ações de desobediência cívica, como manifestações, ocupações etc., recompensam, embora eles próprios não cheguem a imitá-los.

33. No total, 13 federações sindicais nacionais manifestaram apoio oficial ao OWS.

34. Os manifestantes foram ao encontro dos piquetes de greve dos Teamster na casa de leilão da Sotheby, em Manhattan, ou da Verizon, em Los Angeles, Washington, Buffalo e Boston; os sindicatos intervieram junto às autoridades locais para impedir a expulsão de lugares públicos. Cf. “Occupy Movement Inspires Unions to Embrace Bold Tactics”. *The New York Times*, 8 de novembro de 2011.

35. O relato dessa ocupação e das raízes do movimento foi extraído de um dos artigos mais bem documentados que conhecemos, publicado inesperadamente no semanário econômico *Business Week*, escrito por D. Bennet em 26 de outubro. O título do artigo é “David Graeber, the anti-leader of Occupy Wall Street”. Ver também uma entrevista de D. Graeber: “Playing By the Rules – The strange Success of OWS”, de 19 de outubro de 2011, <http://www.nakedcapitalism.com/>.

36. Eles também levaram o OWS a apoiar a proposta de uma taxa de 1% sobre as transações financeiras, a taxa Tobin, rebatizada pelos Adbusters como taxa Robin Hood.

Um movimento que expressa um desejo ardente de democracia

O OWS nasceu das iniciativas de uma associação de origem canadense, os Adbusters, que publica uma revista homônima e pretende ser uma rede de alcance mundial³⁵. A revista, muito atenta aos diversos movimentos dos indignados que eclodiram em vários continentes no inverno e na primavera de 2011, convocou as pessoas desde julho desse mesmo ano para a ocupação de Wall Street³⁶, que se efetivou dois meses depois do apelo de um pequeno grupo de ativistas nova-iorquinos chamado New Yorkers Against Budget Cuts, com o apoio de ONGs, sindicatos e militantes socialistas. Composto também de estudantes, de jovens de diversas nacionalidades ligados aos movimentos dos indignados na Europa, e de militantes associativos, intervindo em bairros mais desfavorecidos da cidade, o grupo procurava desde junho sensibilizar a população realizando assembleias gerais sobre as consequências dos cortes orçamentários, principalmente as demissões em massa no setor privado e no setor público, durante e depois da recessão. Logo decidiram imitar os indignados europeus, ocupando um espaço público, fazendo assembleias gerais, garantia da democracia direta, cujo funcionamento se opõe em todos os pontos ao modo de governo americano.

No centro dessa esfera ativista surge a figura de David Graeber, filho de pais operários politizados e sindicalizados que pertenceram à esquerda americana nos anos 1930. Sem dúvida ele desempenhou um papel-chave na ocupação de Wall Street. Universitário e antropólogo de formação, de obediência anarquista, ele publicou em 2011 um volumoso livro intitulado *Debt: the*

first 5.000 years, no qual explora as atitudes variáveis dos povos com relação às dívidas soberanas, examina a disposição deles em honrar, ou não, as dívidas desde a antiguidade até nossos dias, mas analisa principalmente o efeito devastador que as dívidas podem produzir e a capacidade dos seres humanos de se mostrarem solidários uns com os outros, assim como a de se associarem³⁷. Trata, portanto, de uma questão que certamente foi um dos ingredientes da revolta do OWS, isto é, a maneira altamente seletiva como foram tratadas as dívidas dos grandes bancos de Wall Street, que o governo salvou, comparadas às dívidas das famílias ou dos estudantes, que não mereceram a mesma atenção, longe disso. Em suma, o movimento interroga a legitimidade das dívidas e, portanto, a obrigação dos devedores de honrá-las, e a soberania do povo para decidir. Alimentado pelos jovens que se recusaram a deixar os locais ocupados, apesar da pressão política e policial, e também pelos menos jovens, de orientações políticas diversas (anarquistas, socialistas, esquerda militante etc.), o movimento pratica todos os dias a democracia que os políticos tentam como podem conter com brutalidade, arguindo problemas de segurança pública ou de higiene. Por suas formas e seus meios de ação, por seus princípios de organização, o OWS exprime a necessidade de democracia direta, ou de ideal democrático, aquela dos pais fundadores, que um sistema político bipartidário – no qual o dinheiro do Big Business se tornou central³⁸ – asfixiou completamente. De fato, as oligarquias liberais contemporâneas, os regimes ditos democráticos, não pararam de limitar a esfera pública, reduzindo as ações dos cidadãos ao direito de votar, que é, aliás, cada vez mais deixado de lado, com taxas de abstenção cada vez mais elevadas nas principais democracias ocidentais. A taxa de abstenção nos Estados Unidos é, lembremos, particularmente alta. O essencial dos negócios públicos foi – como analisou muito bem Cornelius Castoriadis (1997) – confiscado ou privatizado por grupos e clãs, que dividem entre si o poder efetivo e se sentem cada vez menos propensos a prestar contas a quem quer que seja. Convém, evidentemente, distinguir aqui os regimes “totalitários” dos regimes ditos “democráticos”, e vimos que os movimentos dos jovens surgiram, em primeiro lugar, em países em que os ditadores vinham há muitos anos confiscando o poder em benefício próprio (Tunísia, Egito e Líbano). Nas “democracias ocidentais”, em compensação, foi contra o exercício de uma forma de democracia mais formal que real que os jovens se levantaram.

Pela ocupação de lugares simbólicos nos centros das cidades, na maior parte capitais, eles reivindicaram o direito de se reapropriar do espaço público³⁹, preempção do governo e do mercado. Quiseram refazer desses lugares ágoras, fóruns de encontros, de discussão e de troca sobre todos os assuntos possíveis, mas também espaços criativos, dedicando-se a todas as atividades humanas que lhes parecesse lícito empreender, entre elas a criação artística⁴⁰. Pela realização diária de

37. Cf. GRAEBER, D. *Debt: the first 5.000 years*. Nova York: Melville House Publishing, 2011.

38. Entre os 20 primeiros doadores para a campanha presidencial de B. Obama, G. Sachs aparece em segundo lugar, com 1 milhão de dólares; JP Morgan em sexto, com 800 mil dólares; o Citigroup, com 700 mil dólares, e UBS o 16º lugar, com 500 mil dólares. Cf. Center for Responsive Politics.

39. Uma primeira onda de convocações perante o tribunal de ativistas presos durante a manifestação na ponte do Brooklyn (com uso de gás lacrimogêneo pela polícia etc.) aconteceu em Nova York. A maioria dos jovens envolvidos pediu um processo devido ao caráter público desse procedimento, insistindo para serem vistos e ouvidos por todos os americanos.

40. Por exemplo, a expressão musical é parte integrante do movimento de protesto, principalmente o uso de tambores ou também a confecção de cartazes que são verdadeiras obras de arte, mas também a expressão poética ou teatral. Uma biblioteca foi constituída por simpatizantes que doaram livros para formar o acervo.

assembleias gerais noturnas, durante as quais qualquer pessoa pode incluir matérias na ordem do dia, eles retomaram as práticas de ação do Free Speech Right, desenvolvidas no início do século XX pelo sindicalismo da luta de classes dos Wobblies (IWW) (dos quais restam alguns representantes nos Estados Unidos), em que as decisões são tomadas por consenso (é preciso ter entre 60% e 90% de aprovação para sua adoção, conforme os lugares de ocupação), ou as tradições das tribos indígenas ou dos *quackers*, às vezes renovadas, como o uso do “megafone humano” (as palavras de um orador são repetidas e se tornam imediatamente a palavra de todos) em resposta à proibição, pela polícia, do uso do megafone. Mais perto de nós, essas práticas lembram as do movimento antinuclear dos anos 1990, ou os mais recentes movimentos antiglobalização, em que os grupos de trabalho constituídos se encarregam de aprofundar uma questão ou tomam decisões diárias para a boa gestão do movimento, sobretudo quanto à utilização dos fundos arrecadados desde o começo. Por meio dessas práticas, eles rejeitaram o funcionamento das democracias representativas e a impunidade de que gozam os políticos, que não se sentem mais obrigados a prestar contas aos cidadãos ou fingem prestá-las por ocasião de uma eleição. Enfim, o uso das redes sociais e de *blogs*, a ausência de uma lista de reivindicações precisas, e de líderes declarados, ou que se pretendem como tais, são outros tantos sinais da grande vitalidade democrática do movimento, do grande domínio organizacional e da preocupação em conservar o controle e evitar seu confisco por alguns.

E agora?

O desmantelamento das principais ocupações em meados de novembro de 2011 marca, sem dúvida, o fim de uma fase do movimento, sem que isso represente, com certeza, o seu fim. Em Nova York, a manifestação para comemorar os dois meses de ocupação acabou em choques com a polícia e prisões, e com o bloqueio de algumas ruas adjacentes à bolsa de valores. A desmontagem do acampamento pela polícia e a limpeza do parque Zuccotti levaram apenas algumas horas. Uma centena de ocupantes se concentrou na New School for Social Research, universidade fundada em 1919 por intelectuais progressistas, na qual ensinaram professores alemães fugidos do nazismo, como Hannah Arendt. Os manifestantes a ocuparam a partir do segundo andar, com autorização da administração. Os ativistas da Califórnia, expulsos de seus acampamentos, também se reuniram em *campi* universitários onde estudantes, funcionários e professores convocaram uma greve para protestar contra o aumento das anuidades.

Questionando de maneira direta o governo e sua incapacidade de prestar contas aos cidadãos, o movimento discute profundamente a democracia

(americana), por isso teve essa repercussão imensa. Sem ser de massa, soube atrair não só muitos simpatizantes como também donativos no valor de 500 mil dólares. Tem desde já como resultado, qualquer que seja o desfecho, a modificação e a reconfiguração dos termos do debate público nos Estados Unidos. Ainda que os *slogans* do OWS não se traduzam por reivindicações precisas, nem por um programa político, esse movimento não desaparecerá sem deixar marcas. Ele encerra valores aos quais todos podem aderir: uma sociedade democrática na qual os indivíduos, quaisquer que sejam, são convidados a se expressar, a socorrer uns aos outros (“*We care about you*”) e a se preocupar com o bem comum.

Portanto, o OWS sozinho realizou bem mais que todas as tentativas recentes das forças progressistas de se fazer ouvir e de estimular as reformas, desde que Obama chegou ao poder. Mas, sem dúvida, seu surgimento se deve às mobilizações, como a marcha pelo emprego organizada em outubro de 2010 em Washington, quase ignorada pela mídia, as manifestações de protestos dos jovens e dos sindicatos diante da Câmara de Wisconsin, na primavera de 2011, ou ainda a recente marcha pelo emprego e pela justiça em Washington, organizada em outubro de 2011 pelo pastor Al Sharpton e sua rede de ação nacional, com a ajuda das associações de defesa dos direitos civis e dos sindicatos.

A força dos movimentos espontâneos, da auto-organização, é abrir brechas, é operar reviravoltas nas sociedades. Desse ponto de vista, convém antes de tudo congratular o desejo de autonomia que explodiu em vários lugares, em vez de antecipar os limites, os problemas ou as consequências não desejáveis. Os analistas mais atentos, cuja ideologia é, porém, muito distante daquela dos manifestantes (e além disso múltipla), compreenderam bem as questões apresentadas pelo movimento: o funcionamento e o futuro de uma economia de mercado, cada vez mais liberalizada e desregulamentada⁴¹, as desigualdades que produz, cada vez mais insustentáveis, e o perigo que haveria para os governantes e as elites por não oferecerem respostas para isso. Expressar a raiva e o desencanto diante das elites banqueiras, industriais e políticas, sem ter de traduzir a revolta em exigências precisas, ou sem desaguá-la necessariamente em resultados imediatos, foi justamente um dos grandes pilares da força do OWS. A própria força da utopia, partilhada mais facilmente ainda e por um maior número de pessoas, vem do fato de não resultar numa plataforma política, ainda que a nacionalização dos bancos ou a socialização da medicina figurem em lugar de destaque nos temas e *slogans* do OWS. Aconteça o que acontecer, esse movimento terá colocado sua pedra angular no edifício da contestação global⁴², e talvez possibilite que, em seguida, outros sejam capazes de apresentar reivindicações e sustentá-las até serem traduzidas em acordos coletivos ou em leis, nos Estados Unidos e em outros lugares, quer se trate de sindicatos, de vários grupos da sociedade civil, ou de partidos políticos. Mas

41. Cf. WOLF, M. M. “The big questions raised by anti-capitalist protests”. *FT*, 27 de outubro de 2011. Ou COSTA, K. “Why the City should heed the discordant voices of St. Pauls”. *FT*, 28 de outubro de 2011; Ken Costa é professor de gestão e ex-presidente do banco Lazard International.

42. Um dia mundial de protestos foi organizado em 15 de outubro de 2011 em cerca de 900 cidades em 78 países.

a grande força do movimento vem precisamente de sua total independência frente às outras forças instituídas da sociedade americana⁴³.

Se é cedo demais para prognosticar o impacto que terá a longo prazo esse movimento, pode-se, entretanto, esperar que ele faça refletir o Partido Democrata e todos os liberais (no sentido americano do termo), lembrando a eles que F. D. Roosevelt teve a inteligência e a coragem política de erguer-se contra o poder financeiro alguns dias antes de sua reeleição para o segundo mandato: “Eles [os banqueiros] são unânimes em seu ódio por mim, e eu me alegro com o ódio deles”⁴⁴. Certamente a crise atual não atingiu a profundidade daquela de 1929 (ainda?), não causou as devastações observadas na época junto à população; certamente o Congresso com o qual Obama deve compor e sua hostilidade a qualquer reforma não têm nada a ver com aquele que, em alguns casos, levou Roosevelt a realizar reformas radicais, apoiado por greves e pelo movimento sindical militante emergente (Congress Industrial Organization).

Mas será que o OWS não poderia ao menos ter como resultado incitar Obama a agir mais radicalmente, e assim vir a se tornar o presidente que seus eleitores de 2009 gostariam que ele fosse, e não deixar que o *lobby* banqueiro desfizesse a lei de regulamentação financeira (Dodd Franck Act), embora talvez já seja tarde para evitar que a reforma da saúde seja questionada pela Corte Suprema, que deve julgar em 2012 se ela é conforme à Constituição americana? Enquanto o voto dos jovens foi decisivo na primeira vitória de Obama, as eleições na metade do mandato revelaram sua perda de popularidade junto a esse eleitorado. Tal desamor contribuiu enormemente para a perda da maioria democrata na Câmara dos Representantes, e para tornar Obama refém dos republicanos e da ala mais à direita do Tea Party. Uma pesquisa realizada pelo *Wall Street Journal* no começo de novembro de 2011 mostrava o quanto o voto dos jovens (18-29 anos) podia ser decisivo para a obtenção do segundo mandato presidencial por Obama em 2012, com uma taxa de aprovação de 51%, comparada a 37% na faixa de 35-49 anos⁴⁵.

É possível também que o OWS leve o movimento sindical a implicar-se mais nas lutas, a reivindicar mais dos empregadores e a radicalizar seus meios de ação, a fim de ampliar sua base social, reduzida a uma participação ínfima, para que venha a pesar nas decisões políticas e econômicas, estabelecendo alianças com outros movimentos oriundos da sociedade civil, como souberam fazer, com sucesso, algumas federações sindicais. A mobilização vitoriosa que aconteceu em Ohio e ocasionou a anulação de uma lei adotada pelo Legislativo local, no último mês de março, que havia limitado com todo o rigor os direitos sindicais de 350 mil funcionários públicos (inclusive bombeiros e policiais), por um voto referendário de 8 de novembro último, poderia ser a primeira ilustração disso.

43. Cf. LA BOTZ, Dam. “The Stones Cry Out: the power of the occupation in the City Square”, 4 de novembro de 2011, <http://newpol.org/>.

44. “*They (organized money) are unanimous in their hate for me – and I welcome their hatred*”, trecho do discurso pronunciado em 31 de outubro no Madison Square Garden, em Nova York.

45. Cf. SEIB, G. F. “Winning Youth vote Will Be crucial for Obama in 2012”. *Wall Street Journal*, 8 de novembro de 2011.

Nesse dia, 61% votaram contra a lei apoiada pelos republicanos da Câmara de Ohio, conhecida pelo nome de Senate Bill 5, ao passo que apenas 39% a apoiaram. Os sindicatos mobilizaram todas as suas forças e meios financeiros nessa luta (30 milhões de dólares), recolhendo assinaturas suficientes para obter um referendo sobre essa lei e convencendo a população a ir votar para derrubá-la.

Historiadores como Howard Zinn ou Christopher Lasch⁴⁶ mostraram que a história americana é pontuada de movimentos populares, de protestos contra a ordem estabelecida. Se não conseguiram erradicar o capitalismo, ao menos serviram alguns, em sua época, para reduzir todo tipo de desigualdades (sociais, raciais, de gênero etc.) e dar novamente sentido à noção de bem comum. Será que o OWS abrirá caminho para uma nova “era progressista”, como os Estados Unidos conheceram em sua história no final do século XIX e nos anos 1930?

§

46. Cf. ZINN, H. *Une histoire populaire des États-Unis: de 1492 à nos jours*. Marselha: Agone, 2002; e LASCH, C. (1996), *op. cit.*

Principais fontes na internet

<http://www.occupyoakland.org>

<http://occupytogether.org>

<http://www.occupiedmedia.org/>

<http://www.occupyqueens.net/>

<http://www.occupybrooklyn.org/>